

## O SIMBOLISMO-DECADENTISMO NO *LIVRO DO DESASSOSSEGO*

Andréia de Souza PIRES (FL – UFG / [piresdeia@hotmail.com](mailto:piresdeia@hotmail.com))<sup>1</sup>

Rogério Santana dos SANTOS (FL – UFG / [rsantana.ufg@gmail.com](mailto:rsantana.ufg@gmail.com))

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa; Livro do Desassossego; Simbolismo-Decadentismo.

### Introdução

Inquietação certamente é uma palavra que bem fornece a sensação que se tem ao abrir pela primeira vez um livro repleto de fragmentos, alguns até inconclusos, que tratam com tanta veemência de temas ligados ao negativismo da vida, do tédio, de paisagens que desnudam estados de alma, da imaginação criadora como redenção para alguns sofrimentos trazidos pela existência, do sonho. Já o seu título é muito sugestivo e atraente, propicia a tônica de uma obra que condensa todos os elementos que não se encontram na esfera do sossego, da tranquilidade: *Livro do Desassossego*. Tudo isso em texto extremamente bem cuidado e que reluz por sua fulgurante beleza.

Além disso, as indefinições nele presentes são várias: de autoria – Vicente Guedes, Bernardo Soares ou os dois? –, de uma heteronímia confusa, pois o que ali existe é confessadamente tão próximo de Fernando Pessoa, de gênero e até mesmo de organização, já que os textos foram encontrados sem uma ordem que os guiasse, alguns datados, outros não. O que não se pode negar é que é impossível sair ileso de uma leitura tão densa, embora às vezes repetitiva, e que deixa quem dele se aproxima com a sensação confusa de ter se encontrado um tanto e perdido outro mais no labirinto da obra pessoana.

Todos esses pontos controvertidos que são facilmente percebidos na apreciação crítica do livro contribuem para que o texto de Bernardo Soares seja visto como um verdadeiro quebra-cabeça, com variados ângulos de montagem e

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Área de Concentração: Estudos Literários, da Universidade Federal de Goiás. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes.

interpretação, escrito ao longo de pouco mais de vinte anos e encontrado em dois envelopes na lendária arca deixada por Fernando Pessoa. Alguns deles são textos completos em que consta, inclusive, o título e a maioria constitui fragmentos. A partir da apreciação crítica desse material é possível elucidar a associação entre os temas ali presentes e o momento literário conhecido como Decadentismo, deflagrador de uma série de mudanças nos parâmetros da literatura de fins do século XIX e início do XX.

### **Resultados e discussão**

Perceber o texto de Bernardo Soares como vinculado tematicamente ao Decadentismo-Simbolismo não significa engessá-lo dentro desta corrente estética, muito menos vinculá-lo de maneira estrita e tardiamente a um momento histórico que havia ficado pra trás há já algumas décadas. Pretende-se, portanto, enxergar o *Livro do Desassossego* a partir de uma leitura que realce seu apego a uma tonalidade decadentista-simbolista, ainda que tardia, mas certamente marcante ao leitor.

O Simbolismo, estritamente, pode ser entendido como “uma tentativa, através de meios cuidadosamente estudados – uma complicada associação de ideias, representada por uma miscelânea de metáforas – de comunicar percepções únicas e pessoais” (WILSON, 1971, p. 22) e coloca-se como evolução e prolongamento do espírito decadente, muito ligado ao impressionismo. O que o Decadentismo deflagra precede um momento de crise e atua com vital importância para a configuração das transformações que irão ser tomadas pelo Simbolismo numa fase de maior reflexão sobre essa nova atitude diante de um lirismo pautado por reivindicações que vinham sendo feitas desde o Romantismo.

É assim que o *Livro do Desassossego* alinha-se ao ideal de um ceticismo contagiante, fazendo com que dele emane “uma total ausência de fé no progresso, na igualdade e até mesmo na beleza, ou, pelo menos, uma total ausência de fé numa real capacidade metafísica” (MERQUIOR, 1989, p. 30). Bernardo Soares personifica uma consciência humana que só é capaz de encontrar na arte a redenção para o sofrimento e sentimento de estagnação que a vida cotidiana e vulgar traz. O tom lírico confessional presente nos fragmentos do *Livro do Desassossego* é impregnado de tal noção da precariedade da vida que faz com que

seu texto registre a auto-análise de um decadente permeado de mágoa e solidão e mescle o pensamento sofrido a notas de uma vaga musicalidade.

Georg Rudolf Lind (1983, p. 27), em um estudo que aponta em muitos aspectos da prosa de Bernardo Soares algo que possa identificá-la a um breviário do Decadentismo, vislumbra uma aproximação dos fragmentos do *Livro do Desassossego* “a documentos de um homem que vive dolorosamente em si as consequências da situação intelectual no fim do século XIX, sofrendo com o ambiente e que não conseguiu nunca se desligar do decadentismo de sua mocidade”. Bernardo Soares é, portanto, um lírico por excelência, tem a arte como suprema realidade e a vida real, aquela compreendida pela Rua dos Douradores e o que nela está envolvido, como parâmetros ficcionais. Sua escrita assume-se como artifício da linguagem e torna-se compensação de toda a tristeza, levando-o a desmascarar sua incapacidade de um confronto ostensivo com a vida e, ao mesmo tempo, tornando-se uma espécie de libertação.

Diante desse flagrante negativismo perante a vida e suas realizações práticas, é impossível deixar de notar no *Livro do Desassossego* as temáticas que remetem a uma frequente queixa de inadaptação ao mundo, ao cansaço e à preponderância do sonho em relação ao que se situa nos limites da precária realidade. A discussão proposta pela pesquisa se interessa em mostrar como alguns desses textos se relacionam a um esteticismo flagrante e podem conduzir a uma leitura direcionada nesse sentido.

Apesar da grande dispersão e capacidade de desdobramento que a personalidade de Bernardo Soares revela nos tantos e diversos fragmentos do *Livro do Desassossego*, é sempre marcante sua opção pelas características e situações propícias a um sonhador, homem permeado pelas posturas estéticas, muito mais do que pelas práticas. Bernardo Soares julga-se um incompetente para a vida, um inapto à ação. Seu perfil está delineado: um homem solitário, residente em um quarto alugado na Baixa Lisboa, empregado em um escritório comercial. O reconhecimento de sua pequenez, permeado pela noção de uma inescapável monotonia da existência, torna-o, entretanto, consciente da grandeza de sua alma, de sua capacidade para a dispersão e devaneio metafísico:

Mas, enfim, também há universo na Rua dos Douradores. Também aqui Deus concede que não falte o enigma de viver. E por isso, se são pobres, como a paisagem de carroças e caixotes, os sonhos que consigo extrair de entre as rodas e as tábuas, ainda assim são para mim o que tenho, e o que posso ter (PESSOA, 1999, p. 409).

A oposição existente entre sonho e ação banal e sua relação com as noções de onde e quando são produzidos os diferentes significados de vivência são claramente percebidas quando diz Bernardo Soares: “Eu de dia sou nulo, e de noite sou eu” (PESSOA, 199, p. 48). Durante o dia o trabalho anula as possibilidades enriquecedoras que a existência pode oferecer, sendo estabelecida uma relação de antinomia entre o quarto por ele habitado e o escritório comercial em que trabalha, onde convive com a banalidade do cotidiano. Tanto a morada fértil em sonhos e desassossegos quanto o escritório, com sua exigência de trabalho precário em subjetividade, situam-se na Rua dos Douradores. Se o quarto alugado e o escritório comercial conotam uma contraposição, é possível observar a partir de relações que são estabelecidas pela Rua dos Douradores uma noção de contiguidade. Assim, o que é escrito no livro-caixa e o que compõe o material meditado que constitui o *Livro do Desassossego* possuem referências muito próximas a ela:

E, se o escritório da Rua dos Douradores representa para mim a vida, este meu segundo andar, onde moro, na mesma Rua dos Douradores, representa para mim a Arte. Sim, a Arte, que mora na mesma rua que a Vida, porém num lugar diferente, a Arte que alivia da vida sem aliviar de viver, que é tão monótona como a mesma vida, mas só em lugar diferente. Sim, esta Rua dos Douradores compreende para mim todo o sentido das coisas, a solução de todos os enigmas, salvo o existirem enigmas, que é o que não pode ter solução (PESSOA, 199, p. 53).

É assim que tédio, cansaço, insônia e desassossego se equivalem no livro de saldos e débitos da vida composto por Bernardo Soares. O utilitarismo encontrado no ambiente do escritório em que trabalha, incrustado na vida do patrão Vasques e até mesmo de seus colegas de ofício ou meros transeuntes numa tarde casual é negado em favor da preponderância do sonho e da imaginação. A um *décadent*, a primazia da capacidade criadora é o que pode livrar a humanidade de sua insuficiência e ignorância, fazer com que se escape da vulgaridade da vida.

## Conclusões

A vinculação a temas muito próprios do Decadentismo é bastante nítida no *Livro do Desassossego*. O texto de Bernardo Soares revela em diversos momentos um esteticismo flagrante que se configura pelo tratamento detido sobre algumas questões caras a esse momento literário: o apego à vida contemplativa, a primazia do sonho, o embate com o tédio, o fastio como uma visão especialmente negativa da existência e a arte como mecanismo de superação da precariedade do real. A pesquisa, portanto, em nenhum momento deixa de considerar a abordagem da crítica pessoana, da própria obra de Fernando Pessoa e do aparato teórico sobre este momento literário.

Com este amparo, torna-se possível uma exegese do *Livro do Desassossego* que destaca o seu autor, o ajudante de guarda-livros Bernardo Soares, como aquele que prefere os parâmetros ficcionais e instaurados pela linguagem à estreiteza da realidade. Indo além, é possível perceber que, para ele, a arte é a suprema realidade. Transformar abulia e decepções em um belo texto (característica inegável deste livro e grande recompensa ao seu excessivo negativismo) faz com que Bernardo Soares desmascare sua total ausência de fé na humanidade, ao mesmo tempo em que isso funciona como única via de libertação.

## Referências Bibliográficas

LIND, Georg Rudolf. O *Livro do Desassossego* – um breviário do Decadentismo. *Revista Persona*, Porto, n. 8, p. 21-27, mar. 1983.

MERQUIOR, José Guilherme. O lugar de Pessoa na poesia moderna. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 108, p.27-40, mar. 1989.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Organização de Richard Zenith)

WILSON, Edmund. *O castelo de Axel: estudo acerca da literatura imaginativa de 1870-1930*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.